revista OVELHA

No 72 Fev 2020 | Ano XXXIII | Preço 3,50 Euros | ISSN 0805356

A 37ª Ovibeja, organizada pela ACOS, decorre de 29 de abril a 3 de maio, em Beja, e vai abordar a sustentabilidade, o conhecimento, a eficiência, a ética profissional através do grande tema "Agricultura Con(s)Ciência".

O engenheiro António Parreira, vice presidente da ACOS, em entrevista à revista Ovelha, fala sobre a evolução agrícola e aponta o que considera ser o maior imperativo da agricultura: produzir e produzir bem. Com eficácia.

ACOS DEFENDE AUMENTO DA RESERVA DE ÁGUA PARA O REGADIO DE ALQUEVA

II CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE PECUÁRIA EXTENSIVA E DESENVOLVIMENTO RURAL

BEJA | 5 E 6 DE NOVEMBRO DE 2020

ACOS AGRICULTORES DO SUL

FADSG Federación Andaluza de Agrupaciones de Defensa Sanitaria Ganaderas

União dos ADS do Alentejo

cooperativas agro-alimentarias Andalucía

ACOS AGRICULTORES DO SUL

CASA DO AZEITE

10

BEJA

PORTUGAL

CA Crédito Agrícola | PATROCINADOR EXCLUSIVO

ENTREGA DE PRÉMIOS DIA **2 DE MAIO** NA OVIBEJA

CONCURSO INTERNACIONAL DE AZEITE VIRGEM EXTRA

PRÉMIO CA Crédito Agrícola OVIBEJA

WWW.AZEITE-OVIBEJA.PT

Casa do Azeite Associação do Azeite de Portugal | Rua Pinheiro Chagas, nº 17, 4º Esq. , 1050-174 Lisboa | Portugal

Telefone: (+351) 21 384 18 10 **Fax:** (+351) 21 386 19 70 **Email:** geral@casadoazeite.pt

O setor agrícola como instrumento de equilíbrio e de coesão

Estamos a começar um novo ano e com ele um novo ciclo da Política Agrícola Comum e do Quadro Comunitário de Apoio. Mais ecologia, maior eficiência, mais inovação. Coesão. ConsCiência. Estas são algumas linhas coincidentes com o trabalho que os agricultores têm vindo a realizar no decurso do seu trabalho. Um trabalho enquanto produtores do que consumimos com a consciência de que também eles são consumidores. E têm filhos com os quais se importam e a quem querem deixar um futuro com esperança.

O Alentejo é zona de produção. Com importantes contributos para o Produto Interno Bruto. Com crescentes indicadores de eficiência. Com projetos aplicados de investigação científica, onde é crescente a comunicação e a partilha de conhecimento entre a produção e a investigação. Mas o Alentejo é também zona de interior. Onde os olhos da cidade mal chegam. E mal veem o que se produz e como se produz. E, tanto na produção de regadio, como na produção pecuária em extensivo muito há para conhecer. Há pontes que precisam ser criadas para uma relação amigável e de cooperação. De procura das melhores soluções para cuidar da biodiversidade, da dinamização e do maior povoamento dos campos. Do equilíbrio e da coesão. E, mais uma vez, da partilha de conhecimento.

A ACOS está a preparar mais uma edição da Ovibeja. Uma feira, um espaço de reflexão e um local de festa onde todos se sentem em casa. A ACOS, em parceria com várias outras entidades nacionais e espanholas, está a preparar um Congresso Ibérico de Pecuária Extensiva e de Desenvolvimento Rural. Faz parte de estruturas de investigação e desenvolvimento. Integra centros de competências e grupos operacionais. Tem como perspetiva responder, de forma informada, aos novos desafios que se colocam aos seus associados e à agricultura. Contribui, de forma ativa, para criar sinergias. Valor acrescentado. Na defesa de uma agricultura de mãos dadas com a ciência. Onde todos sintam que fazem parte da mesma causa: Produzir e consumir qualidade, com consciência. Com respeito pelo ambiente e pela biodiversidade.

Claudino Matos
Director Geral da ACOS

Estatuto Editorial A Revista OVELHA é uma publicação mantida pela ACOS – Agricultores do Sul, desde o primeiro momento da constituição desta associação. Publicada há mais de 30 anos, a Revista Ovelha cobre uma variedade de tópicos relacionados com a agricultura, a pecuária, as agroindústrias, o associativismo, as políticas agrícolas e o desenvolvimento rural incluindo ainda temáticas culturais e ligadas à sociedade civil. Inicialmente concebida como principal meio de informação para com os seus associados, a Revista OVELHA desde logo se diferenciou das demais, pelo nível técnico e científico dos conteúdos publicados, pelo seu posicionamento editorial e até pela sua identidade gráfica. Progressivamente, e refletindo o crescimento desta associação, a Revista OVELHA, continuando a dirigir a informação aos seus associados, passou também a ser a publicação oficial da OVIBEJA, dando cobertura à programação do certame. A revista ampliou o âmbito editorial e, além da agricultura, passou a incluir temáticas ligadas à cultura e à sociedade civil. Distribuída pelos expositores e milhares de visitantes do certame, a revista viu aumentar a sua divulgação e notoriedade. A Revista OVELHA desde sempre contou com a colaboração permanente dos mais prestigiados investigadores e técnicos, divulgando as novidades e tendências do setor agrícola, através de artigos técnicos e científicos e colunas de opinião das mais diversas personalidades e instituições de diferentes quadrantes: político, empresarial, cultural e institucional. O seu posicionamento editorial pauta-se por uma postura atenta aos desafios e oportunidades da agricultura regional, nacional e internacional. Acompanha os grandes desenvolvimentos do setor e das políticas agrícolas, sempre com uma visão independente e crítica com o intuito de informar, lançar o debate, defender e reivindicar os interesses dos seus associados, parceiros e dos agricultores em geral.

Cofinanciado por
PDR2020 PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL 2014-2020 | PORTUGAL 2020 | UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural A Europa investe nas zonas rurais

37.ª Ovibeja
Agricultura e Biodiversidade de mãos dadas com a ciência
6/7

Ovinoites
Blaya, Paula Fernandes e Pedro Abrunhosa
8

ACOS
ACOS alerta para a necessidade de aumentar as reservas hídricas para o regadio
12

União Europeia
Explorações são maioritariamente de agricultura familiar
13

ACOS integra Centro de Competências de Caprinicultura
14/15

António Manuel Rocha Parreira
"Vivemos numa sociedade divorciada do mundo rural"
16 a 19

Azeite
Concurso Internacional de Azeites Virgem Extra - Prémio CA Ovibeja
10.ª edição já está a receber amostras
21

Campanha 2019 / 2020
Estimativas de produção de azeite
22

Painel de Provadores de Azeite da ACOS
Manuel Vasco de Castro e Brito
24 a 26

Investigação
Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento (MED) nasce no Alentejo
30

Esteva:
Fonte de nutrientes e de compostos bioativos na alimentação de ruminantes
Eliana Jerónimo
32 a 34

Festival Terras sem Sombra
Com a nova temporada, o reafirmar do abraço fraterno à ruralidade do Alentejo
36 a 39

Ficha Técnica Revista Ovelha | Periodicidade quadrimestral | n.º 72 | ano XXXII | Diretor: Claudino Matos | Diretora-adjunta: Joana Gomes | Colaboradores: António Carrapato (fotografia), Carlos Júlio | Contribuições de quadros técnicos superiores da ACOS bem como de colaboradores habituais que não são funcionários da associação | Design Gráfico: Conversa Trocada, LDA | Propriedade e edição: ACOS Agricultores do Sul | Contribuinte n.º 501 523 227 | Departamento de Relações Públicas: Filomena Maltez | Secretariado: Manuela Realista | Redação, Administração e Publicidade - ACOS - Rua Cidade de S. Paulo, Apartado 296 7801-904 Beja | Telf: 284 310 350 | Fax 284 323 439 | E-mail: geral@acos.pt | Impressão: Tipografia Jorge Fernandes, Lda, R. Q.ta Conde de Mascarenhas 9, 2820-652 Charneca de Caparica | N.º Registo ERC 115030 | Tiragem 1800 exemplares | ISSN 0805356

36ª
BEM-VIN
CA
Crédito Agrícola
DE
24
A
28
DE
ABRIL

DOS
36ª
OVI
BEJA
CA
Crédito Agrícola
TODO O
ALENTEJO
DESTE
MUNDO
bol
Família

ovibeja

37.ª Ovibeja

Agricultura e Biodiversidade de mãos dadas com a ciência

A agricultura e a biodiversidade de mãos dadas com a ciência é a mensagem que a Ovibeja pretende passar através da programação intensiva de colóquios e debates com a participação de especialistas, empresários, estudantes, decisores políticos nacionais e comunitários.

A 37ª Ovibeja, organizada pela ACOS – Associação de Agricultores do Sul, decorre de 29 de abril a 3 de maio, em Beja, e vai abordar a sustentabilidade, o conhecimento, a eficiência, a ética profissional através do grande tema "Agricultura Con(s)Ciência".

A agricultura e a biodiversidade de mãos dadas com a ciência é a mensagem que a Ovibeja pretende passar através da programação intensiva de colóquios e debates com a participação de especialistas, empresários, estudantes, decisores políticos nacionais e comunitários. O evento é ainda uma verdadeira oportunidade para negócios por profissionais e visitantes. É um marco importante na agenda de membros do governo, partidos políticos, diplomatas e de várias delegações empresariais portuguesas e de cariz internacional.

Os novos desafios a que os agricultores têm de responder face às alterações climáticas obrigam à equação de novos paradigmas que importa considerar a nível estratégico por parte dos decisores políticos nacionais e comunitários. Este processo exige conhecimento fundamentado da realidade do campo, da atividade agrícola e agropecuária, do papel dos agricultores e das suas entidades representativas enquanto agentes fundamentais na preservação do mundo rural e guardiões da biodiversidade.

O 10º Concurso Internacional de Azeites Virgem Extra – Prémio CA Ovibeja, que se mantém, há alguns anos, nos primeiros lugares do ranking do World Best Olive Oils, é uma das provas da cultura de excelência alavancadas pela Ovibeja. Com a receção de cerca de 150 amostras de mais de uma dezena de países produtores de azeite, o Concurso conta com um painel de 40 jurados em representação de várias geografias do mundo. A entrega dos prémios aos vencedores é feita do decorrer da 37ª Ovibeja, no dia 2 de maio. Durante a feira, os visitantes podem participar em provas comentadas de alguns dos melhores azeites do mundo.

A oferta do evento inclui ainda concursos e exposições de gado, demonstrações equestres, produtos agroalimentares de qualidade superior, gastronomia, comércio, provas desportivas, exposições empresariais e institucionais. E uma vasta programação cultural com espetáculos e concertos, onde se destacam as famosas "ovinoites" que atraem milhares de jovens ao recinto da feira.

OVIBEJA TODO O ALENTEJO DESTE MUNDO

150 mil visitantes e mais de 1000 expositores

Com mais de 150 mil visitantes por edição, a Ovibeja conta anualmente com mais de 1000 expositores, distribuídos por diversos setores de atividade, em pavilhões temáticos, numa área de 10 hectares do Parque de Feiras e Exposições Manuel de Castro e Brito, em Beja.

Conta com 4 grandes concertos, mais de 1.000 cantadores de grupos corais integrados no Comboio do Cante, mais de 350 animais (ovelhas, cabras, porcos, vacas, burros) integrados no Pavilhão da Pecuária, mais de 100 cavalos participantes nas provas hípicas, com concursos e campeonatos nacionais e europeus. Contempla mais de 100 provas comentadas dos melhores azeites do mundo participantes no 10º Concurso Internacional de Azeites Virgem Extra – Prémio CA Ovibeja.

Nos últimos anos tem vindo a aumentar o número de entidades com interesse em participar. É um local de festa, um espaço de negócios, de cultura e debate, um fórum político e de cidadania. Pela sua pluralidade, a Ovibeja é "Todo o Alentejo deste Mundo".

Pavilhão Terra Fértil e Auditório ACOS

Dedicado à inovação na agricultura, no agroalimentar e nas agroindústrias, o Pavilhão Terra Fértil é um *Unique Selling Point* dos diferentes atores que operam no Alentejo. É um espaço expositivo de excelência com um forte cariz empresarial, tecnológico e de *networking*. Neste pavilhão está instalado um auditório para colóquios e debates acerca dos temas da atualidade. Integra ainda um espaço temático sobre "Agricultura Con(s)Ciência".

Arena do Azeite

Dentro do Pavilhão Terra Fértil, este é o espaço de apresentação do 10º Concurso Internacional de Azeites Virgem Extra – Prémio CA Ovibeja, promovido pela ACOS – em conjunto com a Casa do Azeite e o patrocínio exclusivo do Crédito Agrícola. Aberto a produtores individuais, cooperativas e sociedades olivícolas, o concurso conquistou um nível de qualidade que o torna cada vez mais apetecível também aos grandes grupos a operar na área oleícola, tanto de expressão nacional, como internacional. As categorias a concurso são Frutado Maduro, Frutado Verde Ligeiro, Frutado Verde Médio e Frutado Verde Intenso.

Espaço Agro-Alimentar e de convívio à mesa

Anexo ao Pavilhão Terra Fértil, os apelos sensoriais vão para os produtos agro-alimentares, como queijos, enchidos, presunto, doces regionais e conventuais, vinhos, azeites, pão, azeitonas e mel, entre muitos outros paladares e aromas que enchem um Pavilhão inteiro, que junta famílias e amigos em conversas saboreadas à mesa.

Pavilhão Multiusos Pavilhão Central | Comércio e Serviços

Este é um pavilhão em que a lógica é a diversidade. Desde decoração e mobiliário, passando pelo vestuário, calçado, electrodomésticos, equipamentos e serviços de energias renováveis. Neste espaço integra-se ainda a ACOS +, um projeto de atividades pedagógicas e de comunicação de sustentabilidade ambiental.

Campo da Feira

Campo agrícola experimental destinado à demonstração de culturas, demonstração e comercialização de máquinas e equipamentos agrícolas e industriais de última geração, bem como de fatores de produção e serviços para a agricultura e indústria. O Campo da Feira conta com atividades diárias. Este espaço é palco demonstrações relacionadas com as máquinas e equipamentos agrícolas presentes na feira.

Arena de Espetáculos

É uma das mais concorridas da Ovibeja para os primeiros grandes concertos de primavera no país, onde atuam artistas e bandas e DJ's de renome nacional e internacional – que animam, pela madrugada fora, as famosas 'Ovinoites'.

Pavilhão Institucional

Dedicado a representações oficiais de organismos da administração central, regional e local, empresas, grupos financeiros e outros serviços públicos, privados ou cooperativos. Este Pavilhão contempla as principais novidades na ordem do dia de produtos e serviços das mais variadas áreas.

Pavilhão da Pecuária

Espaço inteiramente dedicado às diferentes espécies pecuárias, este é um pavilhão que agrupa cerca de três centenas e meia de alguns dos melhores exemplares de raças autóctones de bovinos, ovinos, caprinos, suínos e asininos. Concursos de Raças, demonstrações de maneio e de tosquia, também decorrem neste espaço.

Pavilhão do Cante, das Artes e dos Ofícios

Um pavilhão com um forte cariz cultural que cruza tradição e modernidade, memória e futuro. Uma homenagem à terra e a todos os que com o seu engenho fazem arte. Mostra de artesanato tradicional e de projetos contemporâneos que revelem outras expressões de ser e de viver Alentejo. Um espaço informal, no qual a cultura alentejana é o mote para tertúlias, para o Cante Alentejano e convívio entre provas de vinhos e degustações gastronómicas.

Bares e Tasquinhas

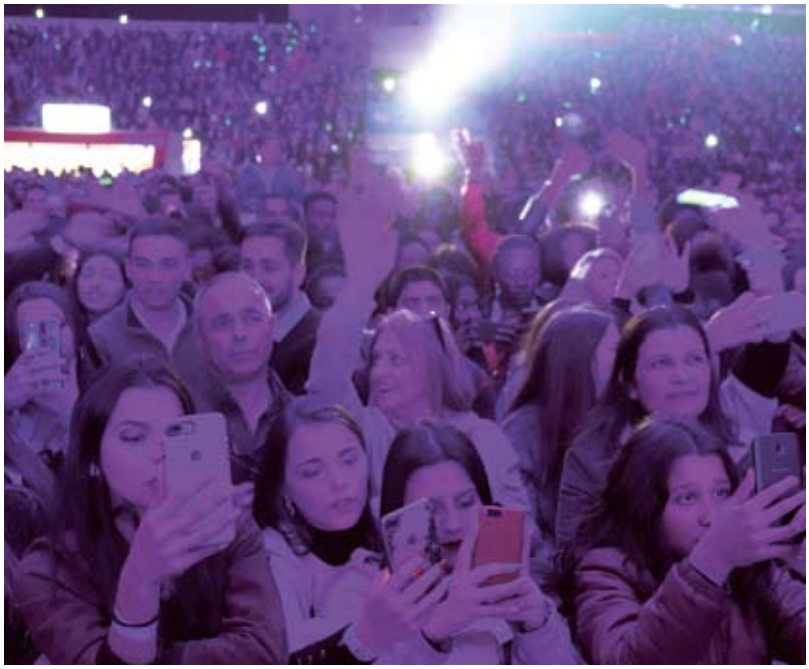
Os bares e as tasquinhas funcionam de dia e de noite. Os petiscos com iguarias tradicionais são o mote para o convívio de amigos que, à noite, se juntam aos milhares a celebrar a amizade e a festa, a música dos concertos e dos DJ's.

Restauração

A zona de restauração conta com a presença de restaurantes representativos de raças autóctones nacionais: como a Mertolenga, Alentejana, Mirandesa, Barrosã, Maronêsa, Arouquesa, Marinhoa e Porco Alentejano. É um ponto de encontro que prima pela qualidade certificada e com Denominação de Origem Protegida (DOP) muito apreciado pelos visitantes da Ovibeja.

Ovinoites

Blaya, Paula Fernandes e Pedro Abrunhosa na Ovibeja 2020



Na abertura da 37ª Ovibeja, a 29 de abril, a noite vai ser preenchida com tunas académicas da região.

No dia 30, os palcos da Ovibeja trazem à capital de "Todo o Alentejo Deste Mundo" uma das vozes maiores da música contemporânea: Blaya.

"Um furacão de palco que canta, dança e agita, que encanta, comunica e transforma, Blaya é um exemplo de energia, confiança, orgulho e sensualidade para todas as mulheres".

E Blaya bem que pode ser esse ícone porque nasceu no Brasil, cresceu em Portugal e correu mundo antes de nos ensinar a todos a 'Fazer Gostoso'". Nascida no Brasil, Blaya viveu no Alentejo durante alguns anos, tendo ainda frequentado o Liceu de Beja. Esta ovinoite conta ainda, a abrir o palco, com a atuação com a Banda de Música da Força Aérea Portuguesa.

A grande novidade da 37ª Ovibeja é Paula Fernandes, num concerto que, na noite de 1 de maio, vai decerto ficar inesquecível. "Origens" é o novo projecto discográfico de Paula Fernandes que dá, igualmente, o nome à nova tournée da artista, em 2020.

Ao lado de grandes nomes da música brasileira, Paula Fernandes apresenta um reportório tocante e animado, que pode embalar desde histórias de amor até baladas de todos os tipos".

Para a noite de sábado, 2 de maio, uma voz e presença inconfundíveis em palco, regressa à Ovibeja para para "fazer o que ainda não foi feito". Pedro Abrunhosa veste-se de "Intimidade", reinventa o "Silêncio" e celebra o "Momento" com todos os presentes, na última "ovinoite" da 37ª Ovibeja.

Um furacão de palco que canta, dança e agita, que encanta, comunica e transforma, Blaya é um exemplo de energia, confiança, orgulho e sensualidade para todas as mulheres".

OVIBEJA

TODO
O ALENTEJO
DESTE MUNDO

NOVA LOCALIZAÇÃO SECRETARIADO OVIBEJA

JUNTO À ENTRADA DA ACOS NA RUA CIDADE DE SÃO PAULO

Coordenadas GPS: 38°00'18.0"N 7°51'16.8"W

Uma organização

ACOS AGRICULTORES DO SUL

www.acos.pt

Ovibeja

Parque de Feiras e Exposições de Beja, Manuel de Castro e Brito
Secretariado: Rua Cidade S. Paulo s/n – 7800-453 Beja
Contactos: 284 24 90 24 | 962 297 254 | 961 154 616 | 967 331 805
Email: ovibeja@acos.pt | www.ovibeja.pt

acos

Alqueva

ACOS alerta para a necessidade de aumentar as reservas hídricas para o regadio

As áreas irrigadas fora do perímetro definido pelo Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, na altura encorajadas pela EDIA, contribuíram para o aumento das taxas de adesão ao regadio e representou avultados investimentos privados quer em culturas permanentes, quer em culturas temporárias.

A ACOS – Associação de Agricultores do Sul congratula-se com o início das obras para a segunda fase das infraestruturas de rega de Alqueva, posição que defende desde longa data, e que permitirá até 2023, conforme anúncio da EDIA, um total de 170 mil hectares de terreno agrícola irrigável. Contudo, e em representação das diferentes realidades dos seus associados, a ACOS reclama que sejam integrados, nesta fase do projeto, os regadios precários devendo-se, como tal, considerar uma área total irrigável de aproximadamente 200 mil hectares.

Importa sublinhar que as áreas irrigadas fora do perímetro definido pelo Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, na altura encorajadas pela EDIA, contribuíram para o aumento das taxas de adesão ao regadio e representou avultados investimentos privados quer em culturas permanentes, quer em culturas temporárias. Neste contexto, a ACOS reivindica que estas áreas regadas a título precário, na ordem dos 20 mil hectares, sejam incluídas de forma definitiva na zona beneficiada pelo EFMA, assumindo os proprietários as obrigações decorrentes desta integração, sem quaisquer custos para o Estado.

A ACOS alerta no entanto para o facto de apenas estarem concessionados 590 milhões m3 como quota disponível para o regadio o que, a considerar os 200 mil hectares, equivale a uma dotação média de apenas 3000 m3 por hectare, muito aquém dos 6500 m3 /ha projetados para o EFMA. Daquela quota disponível haverá também que considerar a água a fornecer, sempre que necessário (quantos mais anos secos ocorrerem pior), aos regadios pré-existentes constituintes do EFMA. Ou seja, aquela dotação já de si insuficiente, será ainda bastante agravada, colocando em risco a diversidade cultural existente e as opções por novas culturas no futuro.

Assim, para ultrapassar esta limitação, a ACOS só vê uma saída possível, que é aumentar a reserva de água para o regadio, a qual pode ser atingida por um conjunto de medidas que passam por:

- Construção de uma nova barragem no rio Ardila, projeto já equacionado pela EDIA;
- Renegociação da concessão de água autorizada para agricultura;
- Subida da cota de outras barragens de menor dimensão, designadamente, Pedrógão e Alvito.

Faz parte da estratégia da ACOS a realização de um trabalho técnico, de transferência de tecnologias e de comunicação no sentido de aumentar cada vez mais os níveis de eficiência, designadamente no regadio. A ACOS é Entidade Reconhecedora de Regantes, certificada pela Direção Geral de Agricultura, serviço que presta aos agricultores em parceria com o Centro Operativo e de Tecnologias de Regadio (COTR) na aplicação e acompanhamento de medidas que potenciam a utilização racional da água. Estas medidas integram-se numa estratégia mais abrangente de prestação de serviços especializados aos seus associados, para melhoria de gestão dos recursos naturais e da rentabilidade das explorações agropecuárias.

União Europeia

Explorações são maioritariamente de agricultura familiar

O Parlamento Europeu publicou recentemente um estudo sobre "O emprego no setor agrícola da UE: desafios atuais e perspetivas futuras". O documento, realizado pelo Research for AGRI Committee, investiga, em particular, os fatores determinantes e estruturais, mudanças nos mercados de trabalho agrícola a nível regional, nacional e europeu.

De acordo com o documento, "o emprego agrícola na União Europeia tem diminuído constantemente há décadas e caiu de 13,1 milhões de unidades de trabalho anuais em 2003, para 9,1 milhões de unidades de trabalho anuais em 2018 na UE-27, representando uma redução impressionante de 30% nos últimos quinze anos".

Por outro lado, o estudo revela que o número de pequenas e médias explorações diminuiu, enquanto o número de grandes explorações (acima de 100 hectares) aumentou, sugerindo uma consolidação do setor agrícola.

No entanto, a imagem não é uniforme na UE, com alguns Estados-Membros a revelar um aumento tímido no número de explorações (República Checa, Eslováquia) e outros na sua força de trabalho agrícola (Grécia, Eslovênia, Malta e, em menor número, Chipre, Romênia e Lituânia).

O estudo realçou que muitas partes da Europa apresentam predominantemente modelos de agricultura familiar (Irlanda e Irlanda do Norte, espaço europeu (abrangendo a Baviera, Áustria, norte de Itália, Eslovênia e Croácia), o norte de Portugal, o norte da Espanha, Romênia, Grécia, Polônia e Letônia), enquanto outras regiões demonstram a maioria do trabalho contratado externamente (Alemanha Oriental, Eslováquia, República Checa e a maioria da França e o sul de Espanha).

Segundo os investigadores, estas disparidades levantam a questão dos determinantes das mudanças estruturais nas explorações agrícolas e como eles afetam o emprego.

O impacto da Política Agrícola Comum (PAC) nos empregos agrícolas e rurais, até agora relatado por diferentes avaliações realizadas em toda a Europa, é misto. O estudo mostra que os esquemas e medidas implementados através do primeiro e segundo pilares da PAC (nomeadamente pagamentos diretos e medidas de desenvolvimento rural, respetivamente) produziram diversos efeitos, às vezes opostos, na força de trabalho agrícola, dependendo da natureza e escala dos investimentos, o uso dos pagamentos pelos proprietários das explorações (por exemplo, contratação de trabalhadores ou substituindo o trabalho humano por mecanizado), os sistemas agrícolas existentes localmente e outros fatores influentes, como sinérgicos ou concorrentes setoriais, fiscais, sociais e ambientais ou políticas decorrentes de diferentes níveis de governação (incluindo medidas financiadas através do Fundo de Desenvolvimento Regional e Fundo Social Europeu).

O emprego agrícola na União Europeia tem diminuído constantemente há décadas e caiu de 13,1 milhões de unidades de trabalho anuais em 2003, para 9,1 milhões de unidades de trabalho anuais em 2018 na UE-27, representando uma redução impressionante de 30% nos últimos quinze anos

Os investigadores deixam ainda sugestões para a PAC que irá vigorar de 2021 a 2027: Aumentar os esforços para manter as gerações jovens no setor e incentivar os novos participantes a criar empresas agrícolas; Melhorar a qualidade do emprego rural, investindo na diversificação e agregando valor à agricultura, de acordo com as estratégias de sustentabilidade; Adaptar o apoio ao desenvolvimento rural, às necessidades e ao potencial da região ou país; Oferecer mais flexibilidade para ajustar o Pilar 1 da PAC de modo a atender às necessidades regionais e, em particular, estimular mais produção agrícola, nas zonas onde a produção é escassa, de modo a incentivar os agricultores mais velhos a se aposentarem e entregarem suas propriedades ou explorações aos agricultores mais jovens. O estudo sugere ainda racionalizar os dois pilares da PAC a nível territorial, a fim de alcançar um objetivo comum, visão e objetivos claros em relação ao emprego agrícola; Melhorar a integração e coordenação dos objetivos e ferramentas da PAC com as políticas sociais da UE e outros fundos estruturais e de investimento europeus.

Sinergias

ACOS integra Centro de Competências de Caprinicultura

O Centro de Competências da Caprinicultura, presidido pelo Município de Vila Nova de Poiares, promoveu em Évora, no final de 2019, um workshop sobre alimentação de caprinos, reunindo mais de três dezenas de participantes vindos de norte a sul do País. Para o Presidente do Centro de Competências da Caprinicultura (CCC) e também presidente do Município de Vila Nova de Poiares (que acolhe a sede do Centro), esta "foi uma demonstração da capacidade de ação deste centro de competências e do que deve ser a sua essência, promover uma estreita ligação entre o setor científico e os produtores" apostando numa relação de proximidade, "promovendo sinergias entre o mundo académico, da investigação e o 'saber fazer' e prática adquirida dos produtores, para em conjunto conseguirem alcançar os seus objetivos estratégicos".

A ACOS, Agricultores do Sul, integra o Centro de Competências da Caprinicultura (CCC). No Plano de Ação deste centro é sublinhada a caprinicultura como "um importante fator de competitividade dos territórios rurais contribuindo para a valorização diversificada do seu potencial agrícola e florestal bem como para a coesão social do território e para a captação e fixação de pessoas nas regiões de baixa densidade populacional".

O Plano de Ação acrescenta que a "competitividade é ainda mais forte quando a atividade é desenvolvida em modelos de associação com instituições de ensino e investigação científica para transferência de conhecimento para as economias locais, promovendo desta forma o empreendedorismo ou a criação do próprio emprego através de modelos de negócio inovadores".

A importância do setor da caprinicultura é acentuada pelo CCC à luz das "progressivas alterações climáticas que exigem uma particular atenção das políticas públicas de planeamento do território através do apoio seletivo às atividades económicas que contribuam para a proteção do ambiente, o emprego, a criação de riqueza e o bem-estar das populações".

A importância da caprinicultura é ainda salientada no "domínio da sustentabilidade dos territórios em que a caprinicultura representa uma das atividades das fileiras pecuária e agroalimentar que melhor se adapta ao imperativo de maior responsabilidade ambiental e de uma gestão eficiente dos escassos recursos como a água, na medida em que os caprinos revelam uma especial e apreciável capacidade em reverter a adversidade das condições geoclimáticas e a magreza dos solos em produtos de excelente perfil nutritivo para a alimentação humana".

A caprinicultura representa uma das atividades das fileiras pecuária e agroalimentar que melhor se adapta ao imperativo de maior responsabilidade ambiental

O Centro de Competências da Caprinicultura procura contribuir, assim, para "a sustentabilidade do território e para combater a tendência de envelhecimento e vencer os desafios da desertificação, preparando a economia para as mudanças de hábitos alimentares que se vão anunciando".

Uma das constatações do diagnóstico elaborado pelos responsáveis do CCC é que "o abandono rural tem deixado largas partes do território sem instrumentos de gestão sustentáveis: perderam-se práticas agropastoris que implicavam o controlo da vegetação arbus-

tiva por pequenos ruminantes, contribuindo para a diminuição da biomassa, fator crítico na ocorrência e virulência dos fogos rurais".

O diagnóstico do CCC apresenta ainda a constatação de que "existem em Portugal seis raças autóctones de caprinos, cinco IGP (Indicações Geográficas Protegidas) de carne de cabrito e e uma DOP (Denominação de Origem Protegida) de queijo de leite de cabra extreme, com mais duas DOPs e uma IGP de queijo onde o leite de cabra aparece em mistura com outros tipos de leite. Estes produtos de alta qualidade nutritiva e organolética, cuja comercialização está muito dependente dos baixos efetivos, não param de diminuir apesar da conjuntura parecer favorável".

Os promotores do Centro realçam ainda que "para além dos produtos com certificação já reconhecida, existem outros resultantes do trabalho dos técnicos das associações de produtores das diferentes raças autóctones que procuram aliar o entusiasmo pela preservação das raças e pelo património sociocultural à rendibilidade económica, essencial à viabilidade e desenvolvimento dos efetivos nacionais, dos seus produtores e das agroindústrias com eles relacionados".

De acordo com a visão estratégica do CCC, "se ponderarmos apenas o abandono da produção de caprinos; o desequilíbrio que esse abandono causou numa procura interna que não tem resposta na débil oferta nacional de produtos de caprinicultura no mercado; a importância deste pequeno ruminante na economia dos territórios mais deprimidos associados a solos menos férteis; a qualidade alimentar dos produtos e o contributo da produção de caprinos para o desenvolvimento do espaço rural, encontramos facilmente a dimensão estratégica que a caprinicultura assume nas economias das regiões e do País, bem como na coesão do território e no contributo para a diminuição das assimetrias conhecidas e persistentes".

Na perspectiva da recuperação do património pecuário e da produção de caprinos, o Centro de Competências assume como vocação, entre outras, o mapeamento "das necessidades estruturais, de inovação e de conhecimento e transmitindo-as como contribuição para a formulação de políticas públicas".

No que diz respeito ao Plano de Ação, estão definidos três pilares que procuram abranger toda a fileira: a valorização da produção caprina pelo aumento da produção e produtividade e a promoção da pastorícia; o incremento da experimentação e investigação sobre os caprinos e a garantia da transmissão do conhecimento aos produtores, assegurando a evolução da fileira e ainda a contribuição para a preservação e o acesso universal à informação disponível.

O Plano de Ação do Centro de Competências da Caprinicultura assume como prioritárias a promoção de medidas estruturais, a informação, divulgação e formação e intervenção no domínio ao nível das necessidades de investigação, desenvolvimento e inovação.

II Congresso Ibérico de Pecuária Extensiva e Desenvolvimento Rural

A ACOS - Associação de Agricultores do Sul, a União dos Agrupamentos de Defesa Sanitária do Alentejo, a Federação Andaluza de Agrupamentos de Defesa Sanitária Animal (FADSG) e Cooperativas Agroalimentares de Espanha, organizam em Beja, nos próximos dias 5 e 6 de Novembro de 2020, o II Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva e Desenvolvimento Rural. O objetivo do Congresso é discutir os aspetos técnico-científicos e de política agrícola associados à pecuária extensiva e ao meio rural envolvente e apresentar as suas mais-valias ambientais, territoriais, económicas e sociais, tanto aos produtores agropecuários como ao público em geral.

Refletir em conjunto sobre o papel da pecuária extensiva, dos benefícios do pastoreio, da valorização das raças locais, da sua capacidade de resiliência, da dinamização e enriquecimento do espaço rural são alguns dos objetivos que movem os organizadores do Congresso. Esta análise deverá ser feita entre pares, no interior do setor produtivo, mas também ser dirigida ao público em geral tendo em conta a defesa da biodiversidade, saúde, bem-estar animal, segurança alimentar e defesa da dieta mediterrânica. A pecuária extensiva é uma atividade promotora da dinamização do espaço rural, da proteção do meio ambiente e da fixação de população nas zonas de interior. A partilha conjunta de informação, entre produtores, instituições de ensino e de investigação, agentes políticos, estruturas representativas da produção animal e vegetal à escala ibérica, deve ser encarada como uma oportunidade única para o futuro.

Ao longo de dois dias, o II Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva e Desenvolvimento Rural abordará questões relacionadas diretamente com a produção e sanidade, a comercialização dos produtos, o turismo, a cinegética, a gastronomia e as medidas de política agrícola preconizadas para o sector.

Campanha de tosquia da ACOS para valorização da lã

A ACOS está a receber inscrições para a campanha de tosquia de 2020.

Os sócios da ACOS produtores de ovelhas que tenham interesse em integrar o Serviço de Tosquia devem preencher uma ficha de inscrição e compromisso.

A tosquia, que deverá iniciar-se em meados de Março, integra-se numa campanha de valorização da lã desenvolvida pela ACOS há cerca de seis anos. O serviço prestado pela ACOS envolve a disponibilização de equipas de tosquia, a concentração da lã e a respetiva comercialização. As equipas de tosquiadores executam todas as fases do processo, nomeadamente a apanha dos animais, a tosquia e o ensaque da lã. O valor a pagar por cada ovino tosquiado é de 1,70 euros, acrescidos de IVA.

Nas situações em que haja necessidade de recorrer ao gerador da equipa de tosquia, serão cobrados adicionalmente 0,03 euros por ovino tosquiado, mais IVA.

Toda a lã obtida no âmbito da prestação do serviço será obrigatoriamente entregue à ACOS, que se encarregará da sua valorização, comercialização e posterior pagamento ao produtor.

Os produtores de ovinos que tenham interesse em obter mais informações sobre este serviço deverão entrar em contacto com a ACOS, de forma presencial ou por telefone: 284 310 350.

Entrevista a António Manuel Rocha Parreira

"Vivemos numa sociedade divorciada do mundo rural"

António Manuel Rocha Parreira. 67 anos. Agricultor. Agrónomo. Foi docente do Instituto Superior de agronomia, onde realizou as provas de aptidão e capacidade científica com a classificação de muito bom. Com a criação da Escola Superior Agrária de Beja, transitou para este organismo como docente, tendo depois vindo a ser nomeado para Presidente da Comissão Instaladora, cargo que exerceu até ao seu término em 1996, tendo aí permanecido como docente na categoria de professor coordenador até à sua aposentação. É vice-presidente da ACOS. Membro da FAABA – Federação das Associações de Agricultores do Baixo Alentejo. Em entrevista à Revista Ovelha fala sobre a evolução agrícola enquanto observador atento e enquanto participante ativo nessa mudança. Fala daquele que considera ser o maior imperativo da agricultura: produzir e produzir bem. Com eficiência. E fala do divórcio da nossa sociedade com o mundo rural. Como se os produtos que comemos nascessem no supermercado, onde há de tudo. "Esquecemo-nos que a agricultura está na base de tudo o que consumimos. Eu espero que não se chegue ao ponto de querermos ir comprar alimentos ao supermercado e não os termos lá. Porque não se está a produzir o suficiente". Assume que não consegue estar muito tempo sem interação com o campo. E defende que "tudo o que seja mais informação, mais formação, mais reflexão e debate é bom para todos".

Um dos grandes desafios atuais, tendo em conta os fenómenos das alterações climáticas, é a gestão eficiente da água e do regadio. Como representante associativo, designadamente da ACOS e da FAABA, qual é a sua posição sobre os desígnios atualmente enfrentados pelo setor agrícola?

Vou começar pelos desígnios do setor agrícola. O primeiro desígnio do setor agrícola é produzir. Nós temos uma população que vai crescendo, que está a aumentar, (mais de 2 mil milhões de pessoas até 2050) que necessita de ser alimentada e como tal, cabe à agricultura a função essencial e primordial de produzir para toda a humanidade.

Portanto, o grande desígnio é produzir. Produzir de um modo sustentável, que significa que tem de ser economicamente sustentável do ponto de vista do agricultor, e de um modo duradouro do ponto de vista ambiental, por forma a que os nossos descendentes tenham condições melhores que as nossas sobre todos os pontos de vista. Estes são os desígnios da agricultura e todos os agricultores estão conscientes disso.

Sobre a gestão eficiente da água e das alterações climáticas, ultimamente temos tido anos de seca, já tivemos períodos de muita chuva e, neste momento, não há nada que comprove se estamos a tender para seca, se estamos a tender para períodos de muita chuva. Assistimos, nos noticiários, a graves inundações em alguns países e resultados de secas severas em outros. Um fenómeno que podemos verificar são picos, ou exageros, tanto na chuva, como no calor. Isto é preocupante. Devemos debruçar-nos seriamente sobre estes assuntos e tentar encontrar soluções para o futuro.

Sobre o modo como as alterações climáticas nos poderão estar a afetar e sobre a seca: Eu gostaria de dizer que não temos falta de água no nosso País. Somos um País Mediterrânico, com chuvas muito concentradas no período de outubro a abril e quase sem chuva de maio a outubro. Como tal o que precisamos é de saber armazenar a água para a podermos usar quando não chove. E pode acontecer períodos anuais de pouca chuva, e mais grave ainda, quando acontece por períodos de vários anos, como tem acontecido neste último período de 3 ou 4 anos.

Este é um desígnio que o Ministério do Ambiente e o Governo têm de enfrentar e de colocar em prática, ou seja, proporcionar condições de armazenamento de água. Armazenar água e regularizar os cursos de água. Porque quando chove, a água que vai para o mar é mais do que suficiente para as nossas necessidades. Saibamos nós retê-la em barragens ou o que lhe queiramos chamar. Essa água é importante para alimentar populações, para o abeberamento animal, para a agricultura produzir em condições normais, para a fauna silvestre… Estamos com isso a dar um contributo para a biodiversidade.

O Ministério do Ambiente tem de proporcionar condições de armazenamento de água…

Sim vai ter que assumir essa estratégia sob pena de não estar a dar um contributo válido para o País. E reforço o seguinte: Ando um pouco assustado com o nosso Ministro do Ambiente. Porque o Ministro, quando

resolve falar em agricultura normalmente dá uma visão muito negativa do que é a agricultura e o modo como é feita. E não pode ser assim. A agricultura é um motor económico muito importante para o nosso país, dos mais importantes, neste momento. Deve ser encarado dessa forma e deve haver programação e planeamento com vista a essa mesma realidade.

E é importante que se diga isto: No nosso país não temos escassez de água. Temos períodos com muita água e temos muita água a ir para o mar sem que tenha algum contributo válido, temos é que a armazenar para os períodos em que não a temos e que tanta falta nos faz.

A esta questão liga-se uma outra, também interrelacionada com o Ministério do Ambiente, que são as restrições à abertura de furos. Que soluções podem ser encontradas para reduzir gastos e aumentar a eficiência?

Há três questões que quero referir. No que diz respeito a furos, quero dizer que somos, com raras exceções, um país pobre em águas subterrâneas. Com a água que chove, quando chove, se houver capacidade de a armazenar, não precisaríamos, salvo raras exceções, de utilizar águas subterrâneas, provenientes de furos.

Outras duas questões: gastos de água e eficiência são coisas diferentes, podemos ter uma situação de gastar mais água e sermos ao mesmo tempo muito eficientes. Não podemos falar, como falou o Ministro do Ambiente, em gastos de água se falamos em culturas diferentes. Porque temos de ter em conta os consumos necessários para diferentes culturas. Essa é uma comparação que não deve ser feita. Se assim fosse, a oliveira seria a única cultura de regadio no nosso País, porque é a que tem menos necessidade de água de rega.

Nós temos de utilizar a água que é necessária para cada cultura. Nem mais, nem menos. A eficiência é isso. Usar a quantidade de água que nos conduz ao melhor rendimento de produção em termos de qualidade e de quantidade sem comprometer o meio ambiente. Se utilizarmos a mais, estamos a ser pouco eficientes. Se utilizarmos a menos, estamos igualmente a ser pouco eficientes porque não vamos conseguir o adequado desenvolvimento da cultura. Devemos gastar, ou usar, o que é necessário. A eficiência deve ser conseguida com critério, com métodos tecnológicos, que temos hoje muito precisos e fiáveis, com conhecimento técnico, com tecnologia que nos permite usar só aquela quantidade que a planta necessita, nos períodos em que necessita e nas horas em que necessita. Com estes métodos, estamos a ser eficientes, a produzir bem e de modo sustentável.

Há hoje uma mais-valia muito significativa que é o uso das novas tecnologias que permitem considerar todas as variáveis e proceder em conformidade?

Hoje as novas tecnologias permitem-nos usar equipamentos muito evoluídos, alguns telecomandados mesmo a partir de casa. Posso, mesmo estando noutro País, estar em contacto direto com a minha exploração, e monitorizar os equipamentos de acordo com o que é necessário: em função da quantidade de precipitação que

Nós temos de utilizar a água que é necessária para cada cultura. Nem mais, nem menos. A eficiência é isso. Usar a quantidade de água que nos conduz ao melhor rendimento de produção em termos de qualidade e de quantidade sem comprometer o meio ambiente.

ocorre ou não ocorre, as temperaturas, as evaporações, a humidade do solo, os períodos fenológicos da cultura… Eu posso regular tudo isso e devo faze-lo com muita precisão. Isto é eficiência isto é proteger o ambiente. Não nos podemos esquecer que a agricultura é a atividade menos poluidora, a que mais recicla e descontamina e a que mais contribui para o sequestro do dióxido de carbono, desde que se utilizem as práticas culturais mais adequadas.

Um dos efeitos do regadio de Alqueva foi o considerável aumento das frutícolas no Alentejo. Depois da oliveira, a amendoeira é a árvore que maior incremento tem tido na região. Quais são as perspetivas em termos de produção e de mercado?

Tínhamos, anteriormente, a cultura dos cereais. Depois, o grande boom do regadio no Alentejo foi a oliveira. Mais recentemente temos assistido à expansão da amendoeira. São culturas que se dão muito bem na região e permitem bons rendimentos económicos para o agricultor. E, no caso da oliveira, permitiu a autossuficiência do nosso país em azeite e até a exportação. E é necessário explorar isto. É isto que nós queremos. É isto que o país quer e precisa. Ser autossuficiente, criar um produto que é uma mais-valia e que traz divisas para o país, que gera emprego e fixa população no meio rural. A amendoeira pode ir pelo mesmo caminho, mas precisamos de mais. As culturas que permitam rendimento para o agricultor, que sejam importantes para o desenvolvimento económico do país devem ser acarinhadas e fomentadas. Neste momento temos duas culturas com maior relevância. Estou convencido de que há mais. É necessário criar estruturas de rede que permitam sustentar o desenvolvimento da cultura. Não basta produzir. É preciso trabalhar as condições de mercado. É preciso que o aparelho político esteja sensibilizado, que ajude as organizações de agricultores e de produtores, para encontrarmos, em conjunto, os melhores caminhos para a comercialização e para a mais-valia dessa comercialização. Nomeadamente, a procura de mercados externos e de melhores preços.

Nós temos aqui no Alentejo excelentes condições de produção com recurso ao regadio. Temos um clima mediterrânico, bom para este tipo de frutícolas, e outras que poderão aparecer. A grande questão está depois, na pós-colheita. O armazenamento, a conservação, transformação, venda. Este é um trabalho que deve ser feito de forma muito articulada, entre organizações de produtores e o poder político.

Não podemos também de modo algum descurar a gestão da rede de rega do EFMA, sobre a qual há muito é conhecida a nossa posição. Os atuais responsáveis da EDIA não têm procurado as organizações de agricultores representativas da região para, ouvindo as suas opiniões, poderem decidir com maior legitimidade. Só em conjunto poderemos contribuir para termos uma agricultura cada vez melhor e uma gestão equilibrada da água.

Não basta produzir. É preciso trabalhar as condições de mercado. É preciso que o aparelho político esteja sensibilizado, que ajude as organizações de agricultores e de produtores, para encontrarmos, em conjunto, os melhores caminhos para a comercialização e para a mais-valia dessa comercialização. Nomeadamente, a procura de mercados externos e de melhores preços.

Não nos podemos esquecer que a água tem que ter um preço que seja compatível com o rendimento das culturas e para tal é preciso uma boa gestão e ouvir os agricultores, principais intervenientes neste processo.

O António Parreira foi docente e Presidente na Escola Superior Agrária de Beja. É agricultor. Está ligado a estruturas associativas, nomeadamente, a ACOS e a FAABA, entre outras. Tendo em conta a sua experiência, como se explica a quem vive na cidade, o papel dos agricultores e a importância da agricultura na preservação da biodiversidade? Tanto mais que há um imperativo, que diz respeito a todos nós e que foi precisamente o seu início de conversa: é preciso produzir. E produzir bem. Como se trabalha o enorme distanciamento e desconhecimento que se verifica em relação à agricultura e ao campo? O que é preciso fazer? O que está aqui em causa?

Esse é o grande problema. Brincando com os meus amigos eu costumo dizer que vivemos numa sociedade cada vez mais divorciada do mundo rural. E esta sociedade habituou-se a uma coisa, que é ir ao supermercado comprar os seus produtos. No supermercado há de tudo, produtos da época e produtos fora de época, produtos que produzimos e produtos que não produzimos. Vivemos na era da globalização, e até aqui não há nenhuma novidade. A questão é que com esta imagem do supermercado cheio, as pessoas não colocam em hipótese a possível falta de produtos, porque quando pensam nos produtos que vão comprar não pensam na sua produção, quem produz, onde produz, em que condições o faz. O que é preciso fazer para alimentar uma população que está a aumentar a nível mundial. Estas são questões que não são equacionadas.

Esquecemo-nos que a agricultura está na base de tudo o que consumimos e a contribuir para uma melhoria do ambiente. A agricultura vai ter que produzir mais. E produzir cada vez melhor. Eu espero que não se chegue ao ponto de querermos ir comprar alimentos ao supermercado e não os termos lá. Porque não se está a produzir o suficiente. Há países onde isso acontece. Há estudos que projetam o aumento da população e há exigências para produção com muito mais atenção às condições ambientais que nem sempre permitem as produções mais elevadas. É preciso salientar que o agricultor e a sua família também se alimentam todos os dias. Todos nós estamos preocupados com a nossa saúde. E temos sempre presente que devemos produzir mais alimentos com mais qualidade e deixarmos para os nossos filhos e netos melhores condições do que as que temos. Tudo o que seja mais informação, mais formação, mais reflexão e debate é bom para todos.

Além de agricultor, é também caçador. Consegue imaginar-se a viver sem o contacto com o campo?

Não. Não consigo. Enquanto agricultor tenho olival, amendoal e pecuária. Bovinos. Sou natural de Montes

Velhos, concelho de Aljustrel e, no decorrer do meu percurso universitário, depois de tirar o curso fiquei a lecionar agronomia, em Lisboa. Estive lá durante uns anos. Mas, assim que tive oportunidade de vir para o Alentejo, foi o que fiz. Foi quando abriu a Escola Superior Agrária de Beja. Hoje não me imagino a viver sem ser no campo. Aliás, tenho dificuldade em estar muito tempo fora, porque preciso de ir ao campo. Preciso de estar em interação com o campo, com o que lá se faz, como se vive, as transformações que acontecem no campo, observar as suas mudanças, mesmo ao nível da fauna e da flora natural, que também tal como nós humanos, se vai modificando e adaptando aos novos sistemas.

Vou-lhe confessar uma coisa: gostaria de, daqui por uns bons anos, cá voltar para ver que transformações se deram na agricultura e no campo. Na paisagem do nosso Alentejo. Porque vamos ter uma paisagem diferente e muitas coisas diferentes e que acredito que vão ser melhores do que as que temos hoje.

Consegue imaginar para onde caminhamos?

Posso dizer que a paisagem que conheci na minha juventude, que eram os cereais, os rebanhos de gado em extensivo, está a ficar para trás. Vamos ter duas agriculturas:

Vamos ter uma paisagem diferente e muitas coisas diferentes e acredito que vão ser melhores do que as que temos hoje.

Uma agricultura produtiva, para as nossas necessidades alimentares do dia-a-dia, que vai ser feita nos bons solos e com base no regadio e com boas práticas culturais. E vamos ter uma agricultura de conservação, sustentável, de apoio ambiental. Que é uma agricultura que também produz, que tem pecuária extensiva, tem biodiversidade, tem caça,…mas que tem que ser ajudada.

A paisagem que associamos ao Alentejo está a modificar-se: O verde dos cereais durante a primavera, o torrado dos cereais no verão, o castanho dos solos trabalhados no final do verão e outono. Depois os verdes a seguir às sementeiras, no outono/inverno. No meio do chão torrado do verão víamos campos pintalgados de verde e de amarelo do girassol, em paisagens muito bonitas. Essa é uma paisagem que está a desaparecer. Em substituição vamos ter as fruteiras que são as que têm mais condições de vingar no Alentejo. Ou as hortícolas. Com isso, vamos ter um Alentejo verde durante o verão. O Alentejo seco que tínhamos no verão, está a dar lugar a um Alentejo verde. Como será daqui a uns anos? Não sei. Gostava de ver. Será diferente. Vão ocorrer modificações. Que têm que ver com as modificações das nossas próprias vidas que se vão operando sempre. É a ordem natural da vida. As alterações têm vindo a acontecer desde sempre.

azeite

Concurso Internacional de Azeites Virgem Extra – Prémio CA Ovibeja

10.ª edição já está a receber amostras

Podem ser apresentados a concurso azeites virgem extra provenientes de produtores individuais, de associações de produtores, de cooperativas e de empresas de embalamento devidamente registadas

O Secretariado do 10º Concurso Internacional de Azeites Virgem Extra – Prémio CA Ovibeja já está a receber amostras de azeites de vários países do mundo.

Podem ser apresentados a concurso azeites virgem extra provenientes de produtores individuais, de associações de produtores, de cooperativas e de empresas de embalamento devidamente registadas. Os azeites, nas categorias de Frutado Verde Intenso, Frutado Verde Médio, Frutado Verde Ligeiro e Frutado Maduro devem pertencer à campanha 2019/2020 e, por causa da diferença na época da apanha, os países do hemisfério sul podem apresentar os azeites da campanha de 2018/2019.

Os azeites a concurso devem ser entregues, até ao dia 20 de Março 2020, em embalagens fechadas, identificados apenas por um código, acompanhados dos resultados de uma análise química e de um certificado que comprove, através de análise sensorial, que a amostra é da categoria Azeite Virgem Extra.

Na prova final, os azeites a concurso são avaliados por um júri internacional para apurar o 1º, 2º e 3º prémios em cada categoria e menções honrosas para o 4º, 5º e 6º azeites mais pontuados. Os vencedores dos primeiros três lugares podem mencionar o prémio no rótulo de comercialização do respetivo azeite.

O júri do concurso conta anualmente com mais de 40 provadores, nacionais e de vários outros países produtores de azeite. O Presidente do Júri é José Gouveia, um dos mais importantes especialistas em azeites a nível mundial e professor no Instituto Superior de Agronomia de Lisboa. O Concurso, que recebe anualmente cerca de centena e meia de azeites, está classificado nos primeiros lugares do ranking internacional dos melhores concursos do mundo.

A organização do concurso é da responsabilidade da ACOS (Associação de Agricultores do Sul) em colaboração com a Casa do Azeite. O patrocínio é da exclusiva responsabilidade do Crédito Agrícola.

A entrega dos prémios vai realizar-se durante a 37ª Ovibeja que vai decorrer de 29 de Abril a 3 de Maio.

Campanha 2019 / 2020

Estimativas de produção de azeite

Mariana Matos
Secretária-Geral da Casa do Azeite

Segundo os dados do Conselho Oleícola Internacional (COI), a produção de azeite mundial triplicou nos últimos 60 anos.

De acordo com os dados oficiais dos países membros do COI, espera-se na presente campanha 2019/2020 uma produção mundial de 3.144.000 toneladas, cerca de -2,3% que a campanha 2018/2019, cujos dados provisórios apontam para uma produção mundial de 3.217.500 toneladas. *(Quadro 1)*

Em relação à produção nacional, a expectativa do sector é a de que esta será a maior campanha desde que existem dados oficiais (1915), e que deverá superar o anterior recorde de produção que se atingiu na campanha 2017/2018, de 134,8 mil toneladas de azeite. No entanto, os dados oficiais transmitidos por Portugal ao COI são mais prudentes e apontam para uma produção mais baixa, de cerca de 125,5 mil toneladas.

Recentemente foram divulgados os dados do INE relativos à produção de azeitona para azeite na presente campanha, que, embora provisórios, apontam para a maior produção de azeitona para azeite de que existe memória, superior à da campanha 2017/2018, o que confirma as expectativas do sector acerca do recorde de produção na presente campanha. *(Quadro 2)*

Assim, e dependendo do rendimento médio desta campanha, a produção nacional deverá situar-se entre os 130.500 e as 147.900 toneladas de azeite.

A produção nacional deverá situar-se entre os 130.500 e as 147.900 toneladas de azeite

Quadro I

PRODUÇÃO	2014/2015	2015/2016	2016/2017	2017/2018	2018/2019 *	Média 5 campanhas	2019/2020 **
União Europeia, dos quais:	**1 434,5**	**2 324,4**	**1 752,0**	**2 188,3**	**2 263,4**	**1 992,5**	**2 011,1**
Espanha	842,2	1 403,3	1 290,6	1 262,2	1 789,9	1 317,6	1 230,0
Itália	222,0	474,6	182,3	428,9	173,6	296,3	340,0
Grécia	300,0	320,0	195,0	346,0	185,0	269,0	300,0
Portugal	61,0	109,1	69,4	134,8	100,3	94,9	125,5
Outros países membros do COI, dos quais:	**855,5**	**668,0**	**620,0**	**1 007,0**	**776,0**	**785,3**	**931,5**
Tunísia	340,0	140,0	100,0	325,0	140,0	209,0	300,0
Turquia	160,0	150,0	178,0	263,0	193,5	188,9	225,0
Marrocos	120,0	130,0	110,0	140,0	200,0	140,0	145,0
Argélia	69,5	82,0	63,0	82,5	97,0	78,8	82,5
Egipto	17,0	16,5	30,0	39,5	7,0	22,0	27,5
Argentina	30,0	24,0	24,0	45,0	27,5	30,1	26,0
Jordânia	23,0	29,5	20,0	21,0	21,0	22,9	25,5
Palestina	24,5	21,0	20,0	19,5	15,0	20,0	23,0
Outros países produtores:	**168,0**	**184,5**	**189,5**	**183,5**	**178,0**	**180,7**	**201,5**
TOTAL:	**2 458,0**	**3 176,9**	**2 561,5**	**3 378,8**	**3 217,4**	**2 958,5**	**3 144,1**

FONTE: COI (x1000 toneladas) *Provisório **Estimativa

Quadro II

PRODUÇÃO (toneladas)	2014	2015	2016	2017	2018	2019*
Azeitona para Azeite	437 975	702 141	476 004	858 413	725 369	870 000
Azeite	60 944	109 052	69 375	134 684	100 250	
Rendimento (%)	15	17	16	17	15	

FONTE: INE *Provisório

Entrevista a Manuel Vasco de Castro e Brito

Painel de Provadores de Azeite da ACOS

Manuel Vasco de Castro e Brito
Perito de análise sensorial de azeite

A ACOS está a preparar a criação de um painel de provadores de azeite. Para percebermos do que se trata e para que serve falámos com Manuel Vasco de Castro e Brito, agrónomo, vice-presidente da ACOS, perito de análise sensorial de azeite, pela Universidade de Jaén e chefe de painel reconhecido pelo Conselho Oleícola Internacional. É, desde o seu início, membro do Júri do Concurso Internacional de Azeites Virgem Extra – Prémio CA Ovibeja, juntamente com peritos de mais de uma dezena de países. Em complemento às análises químicas já feitas no Laboratório da ACOS, "a perspetiva é que este painel se venha a situar ao nível da mesma classificação que qualquer outro Painel de análise sensorial acreditado e certificado de qualquer outro país do mundo. Depois de devidamente constituído e a funcionar, este painel "fecha" o circuito analítico ao azeite para que este alimento possa ser classificado como Virgem Extra, Virgem ou Lampante.

A ACOS está a preparar, com o apoio da Escola Superior Agrária de Beja, a criação de um painel de provadores de azeite. Quer falar-nos da importância deste novo instrumento de análise e em que pé está este processo?

O Azeite é o único alimento do mundo que para ser classificado passa por diferentes análises químicas e também por análise sensorial, em que tem de cumprir determinados parâmetros químicos e sensoriais. Na classificação do azeite, a parte química da análise pode invalidar a sensorial e esta pode invalidar a química.

Tendo em conta que a nossa região é responsável por mais de 75% da produção total de azeite a nível Nacional, a ACOS está a investir no Laboratório de análises Químicas de Azeitona e de Azeite, que aos dias de hoje é o único na região que está totalmente acreditado e certificado para o efeito a nível Internacional, tanto pela norma ISO, como pela norma COI (Conselho Oleícola Internacional). À Direção da ACOS faz sentido a criação de um Painel de Provadores, que vai ser treinado e posto à prova a par de todos os outros acreditados e por acreditar pelo COI. A perspetiva é que este painel se venha a situar ao nível da mesma classificação que qualquer outro Painel de análise sen-

sorial acreditado e certificado de qualquer outro país do mundo. Depois de devidamente constituído e a funcionar, este painel "fecha" o circuito analítico ao azeite para que este alimento possa ser classificado como Virgem Extra, Virgem ou Lampante.

O que é analisado, exatamente, numa prova organolética, por um Painel de Provadores?

O objetivo principal de uma prova, em geral, é individualizar as sensações para as poder analisar, ordenar, interpretar, comunicar e poder inseri-las numa ficha que reúna toda esta informação, de forma perfeitamente clara.

Para que as propriedades organolépticas – aquelas que possam ser percebidas pelos sentidos – sejam apreciadas pelo provador ou pessoa que vá realizar a degustação de um azeite, existe uma série de condições que devem ser fixas para todos e cada um dos provadores, geralmente estabelecidas por um regulamento, que no caso dos azeites é o regulamento (CE) 2568/91, cuja última modificação é o Regulamento (CE) 640/08 de 4 de julho de 2008.

A caracterização sensorial dos azeites realiza-se, de forma oficial, por intermédio de um conjunto de provadores, devidamente selecionados e treinados, que formam o denominado "Painel de Provadores" e a

A evolução da humanidade e o que resulta da sua ação sobre o planeta e sobre o ambiente é-nos dado a conhecer através de uma linha cronológica que, a acompanhar todo o perímetro expositivo, mostra de uma forma muito simples, a evolução da temperatura do planeta, desde o primeiro degelo.

técnica é conhecida como o método do "Panel Test".

O princípio da técnica estabelece que os provadores devem dar uma resposta sensorial frente ao alimento, neste caso o azeite virgem ou virgem extra, que se apresenta para caracterização, e cuja resposta deve ser proporcional ao estímulo. Assim se cumprirá a conhecida lei de Weber-Fechner que descreve que a relação existente entre a magnitude física de um estimulo e a intensidade do estímulo que é percebida : R=In (E/Eo), sendo que o provador deve dar uma resposta proporcional ao estímulo a que se submete.

O azeite é um alimento/condimento natural com diferentes sabores e cheiros?

Sim, é possível falar de muitos sabores e cheiros diferentes…. É um mundo de cheiros e sabores... em que, por exemplo, azeites provenientes de azeitonas verdes ou maduras transmitem notas de frutado, desde erva cortada a notas de frutos maduros, como banana madura e amêndoa.

O azeite é cada vez mais valorizado para a saúde humana. Quer falar-nos de alguns benefícios do consumo de azeite?

O Azeite é um dos componentes principais da dieta mediterrânica considerada, a nível científico, o paradigma da alimentação saudável.

O Azeite é uma gordura e como tal tem como função principal o aporte de energia, de ácidos gordos essenciais que não são sintetizados pelo organismo e também o aporte de vitaminas liposolúveis, como é o caso da vitamina E.

Na composição do azeite há que diferenciar a fração maioritária, os triglicéridos, formados pelos ácidos gordos, sendo maioritário o ácido oleico, ácido gordo de maior interesse nutricional, e ainda os componentes menores. Entre estes últimos destacam-se as vitaminas E e A e os componentes fenólicos com ampla atividade antioxidante, que se encontram em quantidades elevadas no azeite virgem extra. Isto deve-se em grande medida à forma como é produzido e que, normalmente, não é submetido a processos industriais que possam diminuir significativamente estes compostos.

Numerosos são os estudos realizados sobre o azeite que mostram a sua grande qualidade nutricional, mostrando as suas propriedades terapêuticas e preventivas para o organismo humano. Por exemplo, no que diz respeito ao trato cardiovascular, revela-se de enorme importância para a saúde dos cidadãos do Século XXI submetidos a um estilo de vida que favorece o desenvolvimento deste tipo de patologias. Os estudos realizados, desde há algum tempo para cá, são bastante conclusivos sobre a importância do azeite na alimentação.

Por outro lado, o famoso estudo "Seven Countries Study", realizado sob a direção do Dr. Keys (1970), que tinha como manifesto a relação entre os tipos de gorduras utilizadas na alimentação. Estudos posteriores do mesmo Dr. Keys, do professor Grande Covián (1989), da Dra. Ramírez Tortosa (1999), entre outros, põem em manifesto que os azeites com altos teores de ácidos gordos monoinsaturados, o azeite virgem ou virgem extra, favorece o HDL chamado de "bom colesterol" e diminui o LDL colesterol, devido ao seu alto teor em compostos antioxidantes, diminui inclusivamente a oxidação do LDL.

Pode-se considerar que o azeite virgem e principalmente o virgem extra, alimento integrante da Dieta Mediterrânica, é essencial para a prevenção das doenças cardiovasculares. Estudos do professor Pérez Jiménez e colaboradores publicados em "El aceite de oliva: nuestro património alimentário" (2001), analisam o efeito do azeite sobre a diabetes. Neste trabalho é sublinhado que o azeite reduz os níveis de glicose e diminui os aportes de insulina. Neste sentido não se poderá afirmar que seja um medicamento na diabetes, mas sim um excelente alimento pela sua ação metabólica que ajuda nesta doença.

Também no aspeto digestivo, o azeite tem efeitos benéficos. Trabalhos realizados por Maitaix y Martinez de Victória, em 1988, manifestam que este óleo produz uma melhor digestão lipídica dando lugar a uma ótima digestão e absorção da gordura na dieta. Muitos outros estudos, e bem mais atuais podia descrever, com relevância nas áreas do cancro, transplantes de fígado, hipertensão, cicatrização… Tal como outro alimento, o azeite, consumido com moderação, apresenta benefícios para a saúde.

CURSOS EFA

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS

ACOS AGRICULTORES DO SUL

TÉCNICO/A VITIVINÍCOLA

2045H

TÉCNICO/A DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

2045H

INSCRIÇÕES

TELF.
284310350 / 938059551

EMAIL
formacao@acos.pt

SITE
www.acos.pt

ENDEREÇO
Rua Cidade de S. Paulo (Apart. 296) 7801-904 Beja

Conferem:

- **12ºano**
- **Carta de tratorista**
- **Cartão de APF**

Apoios à formação:

- **Bolsa de formação**
- **Subsídio de alimentação**
- **Deslocações e acolhimento**

(se aplicável)

CAP AGRICULTORES DE PORTUGAL

SGS

ENTIDADE FORMADORA CERTIFICADA

POCH

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

investigação

Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento

MED nasce no Alentejo

O ICAAM – Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas, da Universidade de Évora juntou-se ao CEBAL – Centro de Biotecnologia Agrícola e Agro-Alimentar do Alentejo (Beja), MeditBio (Universidade do Algarve), Cibio-Évora (Universidade de Évora) e em conjunto deram lugar ao MED – Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento/ Mediterranean Institute for Agriculture, Environment and Development.

O MED, com sede na Universidade de Évora e pólos em Beja e na Universidade do Algarve, contará com cerca de 320 investigadores no total, onde se incluem 175 investigadores doutorados e 64 alunos de doutoramento, sendo os restantes colaboradores e técnicos. Esta será a maior unidade de investigação nacional em temas que integram a agricultura e floresta, a alimentação, o ambiente e o desenvolvimento rural.

Um dos objetivos do MED é desenvolver investigação cujas questões partem de problemas que se colocam na prática e, sobretudo, as que se relacionam com a nova realidade face às alterações climáticas.

O MED, a nova unidade agora formada, conta com investigadores experientes, especialistas em sistemas produtivos e ecossistemas do Mediterrâneo com equipas multidisciplinares que atuam nas áreas da conservação dos recursos, das alterações climáticas, na agricultura e no território, na biotecnologia, entre outras.

"Será da estreita relação entre todas estas áreas que se procurará responder aos grandes desafios da sociedade atual contribuindo para uma maior eficiência de utilização dos recursos e para encontrar soluções sustentáveis para os sistemas de produção no Mediterrâneo", refere um comunicado do Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas.

Na perspetiva do CEBAL, a constituição desta nova Unidade de Investigação reforça estrategicamente o trabalho desenvolvido por cada uma das instituições, mantendo a sua estrutura de base, mas permitindo de uma forma mais colaborativa, e integrada o desenvolvimento de áreas técnico-científicas de grande impacto nacional e internacional. Na leitura do CEBAL, a nova Unidade de Investigação o MED representa novas oportunidades para o território, a criação de mais valor por via do conhecimento, e um importante factor de atratividade e fixação para novos recursos humanos altamente qualificados.

Conforme sublinha o presidente do CEBAL, Rui Marreiros, "numa altura em que o fenómeno das alterações climáticas está assumido, de forma quase universal, como um dos maiores desafios que enfrentaremos no futuro, é absolutamente fundamental que iniciativas desta natureza permitam a partilha de informação e potenciem as capacidades instaladas nestes centros de conhecimento promovendo a articulação entre si e a comunidade. São parcerias estratégicas desta natureza que podem fazer a diferença na descoberta de novos caminhos", conclui.

MED
INSTITUTO MEDITERRÂNEO PARA A AGRICULTURA, AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

FORMAÇÃO MODULAR FINANCIADA

ACOS AGRICULTORES DO SUL

PÚBLICO-ALVO _ ATIVOS DO SETOR AGRÍCOLA
HORÁRIO _ LABORAL E PÓS-LABORAL
LOCAL _ REGIÃO ALENTEJO

INSCRIÇÕES

TELF.
284310350 / 938059551

EMAIL
formacao@acos.pt

SITE
www.acos.pt

ENDEREÇO
Rua Cidade de S. Paulo
(Apart. 296) 7801-904 Beja

CURSOS

- **JOVENS AGRICULTORES**
  - **FORMAÇÃO BASE (AGRICULTURA SUSTENTÁVEL)** 50H
  - **FORMAÇÃO COMPLEMENTAR** 150H
- **MECANIZAÇÃO BÁSICA E CONDUÇÃO DE VEÍCULOS AGRÍCOLAS** 250H
  *CONFERE LICENÇA DE CONDUÇÃO
- **CONDUZIR E OPERAR COM O TRATOR EM SEGURANÇA** 50H
- **MOTOSSERRAS** 50H
- **APLICAÇÃO DE PRODUTOS FITOFARMACÊUTICOS** 50H
  *CONFERE CARTÃO DE APLICADOR DE PRODUTOS FITOFARMACÊUTICOS
- **DISTRIBUIÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS FITOFARMACÊUTICOS** 25H
- **PROTEÇÃO DE RUMINANTES E EQUINOS EM TRANSPORTE DE CURTA DURAÇÃO** 25H
  *CONFERE CAP DE TRANSPORTADOR
- **MODO DE PRODUÇÃO INTEGRADO** 50H
- **MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICO** 50H
- **CULTURA DA AMENDOEIRA** 25H
- **CULTURA DO OLIVAL** 50H
- **TURISMO EM ESPAÇO RURAL** 25H

CAP AGRICULTORES DE PORTUGAL · SGS · CERTIFICADA · PO ISE PROGRAMA OPERACIONAL INCLUSÃO SOCIAL E EMPREGO · PORTUGAL 2020 · UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu

Esteva

Fonte de nutrientes e de compostos bioativos na alimentação de ruminantes

Eliana Jerónimo
Centro de Biotecnologia Agrícola e Agro-Alimentar do Alentejo (CEBAL)/MED - Mediterranean Institute for Agriculture, Environment and Development

A Esteva (*Cistus ladanifer L.*) é uma planta arbustiva endógena da região Mediterrânica, sendo muito abundante no Sul de Portugal, onde ocorre de forma espontânea em extensas e densas áreas ou de forma mais dispersa. A Esteva é uma das principais espécies arbustivas presentes no Montado, contribuindo para a diversidade e complementaridade de recursos alimentares disponíveis neste sistema agro-silvo-pastoril. Numa época em que sustentabilidade dos sistemas de produção animal está na ordem do dia e é crescente a competição entre recursos alimentares para aplicação na alimentação humana e animal, importa olhar para as plantas arbustivas altamente disponíveis no território e passíveis de serem utilizadas por ruminantes, tirando partido das mesmas como possíveis componentes das dietas mas também como fontes de compostos bioativos, com possíveis benefícios para a saúde e bem-estar animal e qualidade dos seus produtos.

Em termos nutricionais, a Esteva é considerada como um alimento desequilibrado e de baixo valor nutricional, apresentando moderados teores de compostos fibrosos (321 – 410 g de fibra em detergente neutro (NDF)/kg Matéria Seca (MS)), baixos teores de proteína (55-100 g/kg MS) e baixa digestibilidade da matéria orgânica (249-315 g/kg MS) (Guerreiro et al., 2016). Durante o ciclo anual da planta verifica-se uma variação na sua composição química, apresentando teores mais elevados de proteína bruta e baixos teores de compostos fibrosos nas fases iniciais do ciclo vegetativo (91 – 100 g proteína bruta/kg MS e 321 – 374 de NDF/kg MS, durante o do inverno) (Guerreiro et al., 2016). A Esteva apresenta também elevados teores de taninos condensados (32,1 – 161 g/kg MS), encontrando-se maiores concentrações durante o verão (Guerreiro et al., 2016). Para além dos taninos condensados, a Esteva apresenta na sua constituição outros compostos bioativos, que lhe conferem diversas atividades biológicas. É reportada a utilização de Esteva na medicina tradicional, e diversas atividades biológicas têm sido identificadas em extratos de Esteva, como atividades antioxidante, antimicrobiana e anti-inflamatória (Raimundo et al., 2018).

Embora a Esteva apresente características nutricionais semelhantes ou até mais favoráveis que outros recursos alimentares normalmente utilizados por ruminantes e represente uma fonte importante de compostos bioativos, a utilização de Esteva requer muito cuidado devido à elevada quantidade de taninos condensados que apresenta. Os taninos condensados são genericamente considerados como compostos antinutritivos, e quando presentes em elevadas quantidades nas dietas podem reduzir a ingestão alimentar, a utilização digestiva de outros componentes da dieta, e o desempenho produtivo dos animais (Piluzza et al., 2014). No entanto, para além da concentração na dieta, outros fatores como estrutura química dos taninos, composição da dieta base e fatores relativos ao animal, como espécie e estado fisiológico condicionam o efeito do consumo de taninos condensados (Piluzza et al., 2014; Jerónimo et al., 2016). Assim, também têm sido reportados diversos efeitos benéficos do consumo de plantas ou de extratos de plantas ricos em taninos condensados em ruminantes, como melhoria da eficiência digestiva da proteína alimentar, redução da emissão de metano, redução de parasitas gastrointestinais, aumento do estado antioxidante e do desempenho produtivo dos animais, e melhoria da qualidade dos produtos (Jerónimo et al., 2016).

A Esteva encontra-se disponível durante todo o ano, sendo consumida tanto por pequenos como por grandes ruminantes em pastoreio. Tanto quanto é conhecido não está quantificado o seu contributo na dieta de ruminantes em pastoreio, mas durante os períodos de escassez de outros recursos alimentes as plantas arbustivas, como a Esteva, podem ser uma importante fonte de energia e nutrientes. No entanto, em ovinos em pastoreio são relatados sintomas de toxicidade relacionados com a ingestão de Esteva e de outros Cistus (Soler, 2013), pelo que o acesso a Esteva pelos animais requer uma gestão cuidadosa para evitar desordens metabólicas. Em ensaios com borregos estabulados, em que a Esteva (folhas e caules jovens, previamente secos e moídos) foi incorporada na dieta em níveis que variaram entre 5 e 25% e fornecida durante 5/6 semanas, não foram identificados sintomas de toxicidade.

O efeito da utilização de elevadas quantidades de Esteva (25%) no ganho medio diário de borregos tem sido inconsistente (Jerónimo et al., 2010; Guerreiro et al., 2020), no entanto nestes ensaios com borregos estabulados a produtividade animal não foi comprometida com níveis de incorporação até 20% de Esteva nas dietas

(Francisco et al., 2015; Guerreiro et al., 2020). Nestes ensaios com borregos também foi possível verificar que a incorporação de Esteva na dieta induz benefícios em termos da estabilidade oxidativa da carne, reduzindo a oxidação lipídica, mesmo em carnes enriquecidas em ácidos gordos polinsaturados e por isso mais suscetíveis à oxidação lipídica (Francisco et al., 2015; Jerónimo et al., 2012). Para além disso, a inclusão de Esteva numa dieta à base de luzerna desidratada e suplementada com uma mistura de óleos de girassol e linho (1:2) permitiu melhorar o valor nutricional da gordura intramuscular, aumentando a concentração de um dos isómeros conjugado do ácido linoleico (CLA) - o ácido ruménico, ao qual têm sido atribuídas diversas propriedades benéficas para a saúde (Jerónimo et al., 2010).

Dada a capacidade que os taninos condensados têm para formar complexos como a proteína a pH ruminal (5,5—7,0), a utilização de extrato de taninos condensados de Esteva tem sido testada como forma de proteger a proteína da dieta da degradação ruminal e assim aumentar a quantidade de proteína disponível para absorção no intestino delgado. Os resultados de vários ensaios mostram que o tratamento do bagaço de soja com extrato de taninos condensados de Esteva reduz a degradabilidade ruminal da proteína (Dentinho et al., 2014), permitindo reduzir a quantidade de proteína na dieta dos ruminantes sem comprometer o seu desempenho produtivo (Dentinho et al., 2018). A aplicação de extrato de taninos condensados de Esteva em silagens também mostrou ser eficaz na redução da degradação da proteína, melhorando assim o valor nutricional da silagem (Dentinho et al. 2019).

Os resultados obtidos até ao momento quanto a utilização de Esteva ou de extratos de taninos condensados de Esteva nas dietas de ruminantes mostram o potencial deste tipo de estratégias nutricionais, com evidentes benefícios para a qualidade dos produtos e eficiência alimentar associados ao aproveitamento e valorização de um recurso endógeno amplamente disponível. Outros benefícios da utilização de Esteva ou de extratos de taninos condensados de Esteva na alimentação animal também estão a ser avaliados, nomeadamente no controlo de parasitas gastrointestinais e na redução da emissão de metano. A utilização deste tipo de recursos alimentares na nutrição animal assume também cada vez maior relevância no contexto das alterações climáticas. A Esteva é altamente resistente à seca, apresentando maior possibilidade de adaptação a maiores períodos de seca. Para além disso, pela sua composição em taninos condensados pode contribuir para a mitigação do impacto ambiental da produção de ruminantes, pela redução das emissões de metano.

A Esteva é uma das principais espécies arbustivas presentes no Montado, contribuindo para a diversidade e complementaridade de recursos alimentares disponíveis neste sistema agro-silvo-pastoril.

Projeto CistusRumen
Utilização sustentável da Esteva (Cistus ladanifer L.) em pequenos ruminantes – Aumento da competitividade e redução do impacto ambiental (ALT20-03-0145-FEDER-000023) financiado pelo programa Alentejo 2020 através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

Página web do projeto: *www.cistusrumen.pt*

Referências

Dentinho MTP, Belo AT, Bessa RJB (2014). Digestion, ruminal fermentation and microbial nitrogen supply in sheep fed soybean meal treated with Cistus ladanifer L. tannins. Small Ruminant Research 119, 57-64.

Dentinho MT, Paulos K, Francisco A, Jerónimo E, Almeida J, Bessa RJB, Santos-Silva J (2018). Effect of soybean meal treated with Cistus ladanifer tannins on lambs growth and meat quality. 69th Annual Meeting of the European Federation of Animal Science. Dubrovnik, Croatia 24, 518.

Dentinho MTP, Paulos K, Portugal PV, Moreira OC, Santos-Silva J, Bessa RJB (2019). Proteolysis and in situ ruminal degradation of lucerne ensiled with Cistus ladanifer tannins. Grass and Forage Science 74, 78-85.

Francisco A, Dentinho MT, Alves SP, Portugal PV, Fernandes F, Sengo S, Jerónimo E, Oliveira MA, Costa P, Sequeira A, Bessa RJB, Santos-Silva J (2015). Growth performance, carcass and meat quality of lambs supplemented with increasing levels of a tanniferous bush (Cistus ladanifer L.) and vegetable oils. Meat Science 100, 275-282.

Guerreiro O, Dentinho MT, Moreira OC, Guerra AR, Ramos PAB, Bessa RJB, Duarte MF, Jerónimo E (2016). Potential of Cistus ladanifer L. (rockrose) in small ruminant diets - effect of season and plant age on chemical composition, in vitro digestibility and antioxidant activity. Grass and Forage Science 71, 437-447.

Guerreiro O, Alves SP, Soldado D, Cachucho L, Almeida JM, Francisco A, Santos-Silva J, Bessa RJB, Jerónimo E (2020). Inclusion of the aerial part and condensed tannin extract from Cistus ladanifer L. in lamb diets - Effects on growth performance, carcass and meat quality and fatty acid composition of intramuscular and subcutaneous fat. Meat Science 160, 107945.

Jerónimo E, Alves SP, Dentinho MTP, Martins SV, Prates JAM, Santos-Silva J, Bessa RJB (2010). The effect of grape seed extract and Cistus ladanifer L. and vegetable oil supplementation on fatty acid composition of abomasal digesta and intramuscular fat of lambs Journal of Agricultural and Food Chemistry 58, 10710-10721.

Jerónimo E, Alfaia CMM, Alves SP, Dentinho MTP, Prates JAM, Vasta V, Santos-Silva J, R.J.B. B (2012). Effect of dietary grape seed extract and Cistus ladanifer in combination with vegetable oil supplementation on oxidative stability of lamb meat. Meat Science 92, 841-847.

Jerónimo E, Pinheiro C, Lamy E, Dentinho MT, Sales Baptista E, Lopes O, Capela e Silva F (2016). Tannins in ruminant nutrition: Impact on animal performance and quality of edible products In: Tannins - Biochemistry, food sources and nutritional properties. Combs, CA (Eds), Nova Publishers (NY, USA), ISBN 978-1-63484-151-1. pp. 121-168.

Piluzza G, Sulas L, Bullitta S (2014). Tannins in forage plants and their role in animal husbandry and environmental sustainability: A review. Grass and Forage Science 69, 32-48.

Raimundo JR, Frazão DF, Domingues JL, Quintela-Sabarís C, Dentinho TP, Anjos O, Alves M, Delgado F (2018). Neglected Mediterranean plant species are valuable resources: the example of Cistus ladanifer. Planta 248, 1351-1364.

Soler F. (2013). Intoxicaciones por plantas en animales de abasto: Diagnostico de la situacion en España. Revista de Toxicologia 30, 27.

FORMAÇÃO MODULAR

ACOS AGRICULTORES DO SUL

PÚBLICO-ALVO

DESEMPREGADOS
E DESEMPREGADOS
DE LONGA DURAÇÃO

INSCRIÇÕES

TELF.
284310350 / 938059551

EMAIL
formacao@acos.pt

SITE
www.acos.pt

ENDEREÇO
Rua Cidade de S. Paulo
(Apart. 296) 7801-904 Beja

CURSOS

TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
200H

PRODUÇÃO AGRÍCOLA E EMPREENDEDORISMO
250H

PRINCÍPIOS BÁSICOS DO TRABALHO AGRÍCOLA
150H

PRINCÍPIOS BÁSICOS DE APICULTURA
200H

MANEIO APÍCOLA
300H

SANIDADE APÍCOLA
100H

PRODUÇÃO APÍCOLA - MEL, PÓLEN E CERAS
200H

CAP AGRICULTORES DE PORTUGAL · SGS · ENTIDADE FORMADORA CERTIFICADA · PO ISE PROGRAMA OPERACIONAL INCLUSÃO SOCIAL E EMPREGO · PORTUGAL 2020 · UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu

terras sem sombra

Festival Terras sem Sombra

Com a nova temporada, o reafirmar do abraço fraterno à ruralidade do Alentejo

Jorge Andrade
Direção de Comunicação do FTSS

O meio ambiente é património, é raiz das comunidades. De forma sábia, as gerações precedentes estabeleceram as suas relações com a paisagem. Há, pois, que sensibilizar as comunidades para a protecção e valorização do meio natural.

No seu exercício de itinerância, o Terras sem Sombra entrega-se, uma vez mais, ao Alentejo e acolhe-o na sua programação. Ao longo da 16.ª temporada do Festival, prossegue-se a dinâmica de reunir, a cada fim-de-semana, música, património e biodiversidade. Uma iniciativa que enaltece a diversidade, as culturas locais, a formação de novos públicos e a descentralização, numa programação que contempla concertos, conferências temáticas, espaços de pedagogia artística e visitas guiadas.

Um Festival que se faz numa relação de proximidade com actores locais, entre os quais a ACOS, a mais importante entidade associativa privada da região, com a qual o Terras sem Sombra partilha paixões: o mundo rural, o interesse face às raças autóctones, à pecuária extensiva e ao montado e às tradições a eles associados, mormente a transumância, o legado pastoril e todo o património, material e imaterial, que gerou.

Neste âmbito, o trabalho profícuo de parceria com a ACOS visa criar uma fileira mais proclive ao desenvolvimento dos territórios de baixa densidade e à manutenção da sua biodiversidade

Em 2020, o Terras sem Sombra, mantendo o seu carácter de internacionalização traz a República Checa ao Alentejo, com concertos conduzidos por grandes intérpretes daquele país. Uma embaixada cultural que faz mostra das pontes lançadas desde 2003 pelo Festival. Laços que entretecem a memória, a inclusão e a sustentabilidade, mas também a responsabilidade que subjaz à partilha de um legado, pertença de todos nós. Uma missão calcorreadora do património material e imaterial que, este 2020, decorre de Janeiro a Julho. O festival percorre os três distritos alentejanos, em 13 concelhos, com dezenas de actividades de entrada livre, e tem Beja e a sua região como uma âncora.

Um calendário que inclui a apresentação, em Janeiro último, do Cante Alentejano em Praga, com o público checo a encontrar na alma cantada da nossa planície similitudes com as canções das pastoras das suas regiões montanhosas.

A programação do Terras sem Sombra, de reconhecido valor nacional e internacional (prova-o a inclusão no "Libro de Oro", da Fundación Orfeo, de Madrid), exalta a grande música e fá-lo em palcos inusitados, como igrejas e monumentos, quantas vezes de imponência inesperada nas aldeias que os acolhem. Um Festival que se tece nos encontros com bens culturais, não raro pouco acessíveis ao público. E porque indissociáveis da matriz de cada um dos territórios, os ecossistemas merecem uma atenção especial por parte do Terras. Este 2020 não é excepção, com acções programadas de alerta para a salvaguarda da biodiversidade em todos os concelhos visitados.

Um olhar que ultrapassa a dimensão natural. O meio ambiente é património, é raiz das comunidades. De forma sábia, as gerações precedentes estabeleceram as suas relações com a paisagem. Há, pois, que sensibilizar as comunidades para a protecção e valorização do meio natural. Na presente temporada a programação do Festival, no âmbito da salvaguarda da biodiversidade, convida a conhecer recursos endógenos - entre eles a laranja, a bolota, o azeite, o gado, o cavalo de raça Lusitana ou o peixe –, práticas da agricultura sustentável e redes funcionais da mãe natureza.

Com 16 anos de presença no palco dos territórios, o Terras sem Sombra tem sabido encontrar a fórmula que permite a reinvenção, sem abdicar dos princípios já enunciados. A iniciativa apresenta este ano uma novidade, com a programação "Kids Terras sem Sombra". Fins-de-semana temáticos, em diferentes pontos do Alentejo, que desafiam o público infanto-juvenil e as suas famílias para o potencial do mundo rural, fomentando a ligação ao campo, combatendo lugares-comuns sobre a ruralidade e estabelecendo pontes com a música, graças a intérpretes de excepção nos repertórios, mormente os destinados a crianças e jovens.

Fins-de-semana que terão como "cicerone" uma mascote, corporizada numa ovelha em lã, a Avó Ovelha, idealizada e concretizada por uma designer bejense, Paula Salvador. Espera-se que depois desta, muitas venham à luz do dia.

Um rejuvenescimento do Terras sem Sombra que não é apenas um somar de conteúdos à programação, antes a de trazer estes novos públicos para acções concretas e locais. Estimamos o que conhecemos e, desta forma, aprendemos a valorizar.

ACOS LAB

LABORATÓRIO VETERINÁRIO DA ACOS

O LABORATÓRIO VETERINÁRIO ESTÁ PREPARADO PARA DAR RESPOSTA A **SERVIÇOS OFICIAIS, MÉDICOS VETERINÁRIOS** E **PRODUTORES** NO ÂMBITO DE:

- **CONTROLOS OFICIAIS DE SAÚDE ANIMAL** (PROGRAMAS DE ERRADICAÇÃO OU CONTROLOS OBRIGATÓRIOS DE DOENÇAS, COMO A BRUCELOSE E A DOENÇA DE AUJESZKY)
- **ANÁLISES PARA EXPORTAÇÕES DE ANIMAIS VIVOS**
- **PROGRAMAS VOLUNTÁRIOS DE SAÚDE ANIMAL** (BOVICARE – IBR E BVD)
- APOIO AO **DIAGNÓSTICO CLÍNICO**
- AVALIAÇÃO DO GRAU DE ELIMINAÇÃO DE OVOS DE PARASITAS ATRAVÉS DE **ANÁLISES COPROLÓGICAS (FEZES) AOS ANIMAIS (DECISÃO SOBRE TRATAMENTOS DESPARASITANTES)**
- **CONTROLO DE QUALIDADE DE LEITE**

CONTACTOS

Rua Cidade S. Paulo, nº 36
Apart. 296 7801-904 Beja
Telf. +351 284 310 360 | +351 284 310 350
E-mail: laboratorio@acos.pt

ACOS AGRICULTORES DO SUL

IPAC

SGS

ACOS LAB

LABORATÓRIO DE QUÍMICA DA ACOS

ANÁLISES À AZEITONA, AO AZEITE E AO BAGAÇO

O **LABORATÓRIO DE QUÍMICA DA ACOS** RECEBE AMOSTRAS DE PRODUTORES E DE LAGARES DE COOPERATIVAS OU DE EMPRESAS PARA:

- DETERMINAR O **MOMENTO IDEAL PARA A COLHEITA DE AZEITONA**
- AVALIAR E MONITORIZAR O **RENDIMENTO E A QUALIDADE (ACIDEZ) DAS AZEITONAS** AO LONGO DA CAMPANHA
- **DETERMINAR A ACIDEZ DO AZEITE EXTRAÍDO PARA A PREPARAÇÃO DOS LOTES - MÉTODOS RÁPIDOS**
- DETERMINAR A **QUALIDADE E A PUREZA** DO AZEITE PRODUZIDO
- DETERMINAR AS **PERDAS DE AZEITE NO BAGAÇO** E O SEU TEOR EM **CAROÇO**
- FAZER ANÁLISES PARA **CALIBRAÇÃO DE EQUIPAMENTOS** DE MÉTODOS RÁPIDOS (NIR)

CONTACTOS

Rua Cidade S. Paulo, nº 36
Apart. 296 7801-904 Beja
Telf. +351 284 249 011 | +351 284 310 350
E-mail: laboratorio@acos.pt

ACOS AGRICULTORES DO SUL

37ª OVIBEJA

29 DE ABRIL A
3 DE MAIO 2020

CONCERTOS

29 DE ABRIL
QUARTA-FEIRA

TUNAS ACADÉMICAS

BANDA DE MÚSICA DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA

DJ CHRISTIAN F.

30 DE ABRIL
QUINTA-FEIRA

BLAYA

DJ ROB WILLOW

RÁDIO COMERCIAL

1 DE MAIO
SEXTA-FEIRA

PAULA FERNANDES

DJ NUNO LUZ

RÁDIO COMERCIAL

2 DE MAIO
SÁBADO

PEDRO ABRUNHOSA

DJ ANA ISABEL ARROJA

RÁDIO COMERCIAL